

OS USOS DAS 'IMAGENS EM MOVIMENTO' NA ESCOLA: O QUE ESTÁ PRESENTE NO CURRÍCULO?

Vivian Galdino de Andrade (vivetica@hotmail.com)

*Historiadora e mestranda bolsista do Programa de Pós-graduação em Educação da
Universidade Federal da Paraíba - UFPB*

RESUMO

Este artigo é parte integrante de um projeto de pesquisa, ainda iniciante, para a elaboração de minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação. Ele visa problematizar a ausência do cinema no currículo escolar do município de Cabaceiras, tentando entender porque a escola tem se colocado à margem das práticas educativas que este meio midiático vem suscitando através do projeto "Roliúde Nordestina" na cidade. Constatamos, até então, que a cidade tem se voltado ao turismo sustentável, capacitando seus condutores turísticos através de um conhecimento informativo que é transmitido pelos órgãos de turismo, com a participação do SEBRAE. Entendendo o cinema como uma Pedagogia Cultural e a Educação como a formação que recebe o sujeito cotidianamente, nos apropriamos dos Estudos Culturais como um referencial teórico, que toma o cinema como um artefato cultural que produz significados e conhecimentos conforme a cultura em que se inscreve e que por isso deve ser problematizado, inclusive pelo campo da Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Educação, Cabaceiras.

ABSTRACT

This article is part of a research project, even beginners, for the development of my dissertation at the Masters the Postgraduate Program in Education. He aims to question the absence of the film school curriculum in the municipality of Cabaceiras, trying to understand why the school has been placed outside the educational practices that this means media is raising through the project "Roliúde Northeast" in the city. We, so far, the city has been focused on sustainable tourism, enabling its drivers tour through a knowledge information that is transmitted by the organs of tourism, with the participation of SEBRAE. Understanding the film as a teaching and Cultural Education as training the person who receives daily, take of Cultural Studies as a theoretical reference, which takes the movies as a cultural artifact that produces meanings and knowledge as a culture in which and that therefore be owe problematized, including the field of education.

KEYWORDS: Movies, Education, Cabaceiras.

*É preciso não apenas olhar, mas examinar;
Ver, mas também conceber;
Aprender, mas também compreender.
(Pudovikin)*

OS USOS DAS 'IMAGENS EM MOVIMENTO' NA ESCOLA: O QUE ESTÁ PRESENTE NO CURRÍCULO?

Este texto é parte integrante de minha pesquisa para a dissertação de mestrado em educação, que procura investigar até que ponto o cinema adentra as práticas educativas e curriculares na cidade de Cabaceiras, palco de inúmeros filmes² que lhes cederam o rótulo de “Roliúde Nordestina”. As considerações que apresento não são conclusas, mas permeadas por investigações que ainda precisam ser melhor aprimoradas, mas apresentam de antemão algumas informações que constata a não utilização desse novo fato cultural no cotidiano escolar da cidade. O currículo parece que está à margem do que Santomé (1995) nos chama atenção, que para a formação de cidadãos participativos e críticos, numa sociedade democrática, a intervenção curricular precisa permear os recursos e experiências cotidianas de ensino e aprendizagem, no intuito de promover a construção de um conhecimento necessário para a elaboração de valores e normas que substanciam um/a bom/boa cidadão/ã. Para tanto, esses conteúdos culturais devem ser utilizados como estratégias de ensino e aprendizagem, desenvolvendo ações fundamentadas que reflitam acerca dos aspectos da sociedade da qual os alunos fazem parte. Paulo Freire já defendia, na Educação Popular, que a participação ativa nas discussões e nas ações práticas de questões que emergem na realidade social do alunado devem constituir um conteúdo perpassado por temas geradores que suscitem a compreensão crítica da realidade.

Uma instituição escolar que não consiga conectar essa cultura juvenil que tão apaixonadamente os/as estudantes vivem em seu contexto, em sua família, com suas amigas e seus amigos, com as disciplinas acadêmicas do currículo, está deixando de cumprir um objetivo adotado por todo mundo, isto é, o de vincular as instituições escolares com o contexto, única maneira de ajudá-los/las a melhorar a

² Algumas das inúmeras produções fílmicas realizadas na cidade são: *O Auto da Compadecida* (1998), *São Jerônimo* (1999), *Tempo de Ira* (2002), *Canta Maria* (2005), *Velhos cariris paraibanos* (2001), *Cabaceiras* (2007) e algumas cenas d'*A Pedra do Reino* (2006), entre outras produções.

compreensão de suas realidades e a comprometer-se em sua transformação. (SANTOMÉ, 1995, p.165)

O currículo é o resultado de uma seleção, um território recheado de afirmações de como as coisas deveriam ser. Silva (1995) já discutia que nas teorias do currículo existem questões de identidade, uma vez que o currículo estabelece modelos de ser humano, identificados pelo tipo de educação formal que receberam. “[...] no curso dessa ‘corrida’ que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos”. (SILVA, 1995, p.15). Daí refletir a necessidade de resignificação destas práticas curriculares, que precisam deixar de serem vistas apenas como um processo de racionalização de resultados educacionais, ou ainda, como uma lista de conteúdos imbricada por escolhas, estas que estão de forma inerente atreladas a formação dos indivíduos. Para este artigo foi imprescindível considerar que as produções cinematográficas são saberes que andam construindo, formando e alterando a realidade e a história de vida dos moradores cabaceirenses, uma nova cultura que parece está sendo desconsiderada pelos currículos das escolas do município. Esse novo fato cultural tem proporcionado o incentivo para que jovens condutores busquem uma formação, que de início, atue na elaboração de um conhecimento que deve ser informado aos turistas. Nas ambientes formais de educação em Cabaceiras os filmes realizados na cidade não são ainda utilizados como recursos didáticos ou fontes de reflexão sobre as imagens que andam adquirindo e estereotipando as configurações dos habitantes e também do município.

Para Willis Leal, idealizador do projeto ‘Roliúde Nordestina’, seu objetivo permeia por “...instalar e implantar no município de Cabaceiras, um centro voltado para o estudo, preservação, exibição e fomento de realizações cinematográficas e afins que tenham sido realizadas, total ou parcialmente, no município”. Ainda dentro deste projeto, subprojetos como “Seja artista por um dia”, “Construção do Memorial Cinematográfico” e a “Produção de uma cidade - cenário” estão envolvidos, passando os condutores a participar de cursos de extensão e formação em conhecimento de produção e direção cinematográfica. Os cursos têm sido ministrados tanto por pessoas vinculadas ao SEBRAE como por eventos como o Comunicurtas realizado em Campina Grande no mês de agosto de 2007. Minha preocupação está, assim, em problematizar a ausência destas questões cotidianas,

que andam alterando as práticas culturais vivenciadas pela cidade, no currículo das escolas. Os filmes realizados na cidade não são utilizados como fórum de discussões para a produção de um conhecimento que poderia ser utilizado nas áreas de Literatura, História, Geografia, componentes curriculares que poderiam se apropriar dessas imagens em movimento como recursos didáticos para reflexão e entendimento das mensagens cinematográficas que narram e representam a cidade.

O Auto da Compadecida foi a primeira produção cinematográfica que deu destaque a cidade a nível nacional. Datado de 2000, o filme é fruto de uma minissérie produzida pela Rede Globo de televisão em 1998. Ele toma Cabaceiras como cenário de representação da cidade de Taperoá, espaço familiar nas lembranças de Ariano Suassuna, autor da obra teatral da qual o filme se baseou. Para mim, ele constitui o marco inaugural de uma série de filmes que deram relevância à cidade de Cabaceiras como palco para a produção de filmes no cinema brasileiro. Filmes como *Eu sou o servo* (1998) de Eliézer Rolim, *Madame Satã* (2002) de Karim Aïnouz e *Cinema, Aspirinas e Urubus* (2003) de Marcelo Gomes utilizaram a cidade como cenário, mas o entendimento de suas narrativas não alcançaram os moradores da cidade. Eles, os moradores, em entrevista, demonstram a satisfação de ver sua cidade apresentada na grande tela do cinema, mas ao responderem a pergunta sobre qual a idéia que o filme passa para eles, demonstram que não entenderam, que a linguagem é difícil ou ainda que o importante foi a geração de rendas para o município. Ao perguntar a um morador da cidade o que ele havia entendido sobre o filme, percebi a importância que vem sendo dada apenas ao aparecimento e reconhecimento da cidade na imprensa:

Eu achei muito bacana, é importante pra todo mundo porque mostra a cidade. A história que marcou mais foi o personagem que eu fiz, o figurante do Lima Duarte, vendo os cangaceiros chegar atirando, aquilo me marcou, eu fiquei pensando... entendeu? Eu gostei demais de ter participado do filme. (...) Ele mostra bem a cidade, a igreja... eu acho que deveria ser filmado um todo ano. (A.N.A, morador de Cabaceiras, 2007)

Na minha concepção, estes filmes corroboram na construção de uma identidade estereotipada dos nordestinos, que tomam um sertão como base de representação de toda a região, em suas condutas, comportamentos, maneiras de ver e conceber o mundo em que vivem, criando identidades generificadas, unas, sem pluralidades. Estas vozes midiáticas andam sendo negadas na seleção de conhecimentos a serem ensinados e refletidos na cultura escolar. Como um espaço também da tradição, as propostas curriculares atentam para a presença quase majoritária das culturas hegemônicas, silenciando os grupos minoritários e as expressões culturais destes povos, que a cada dia passam a ser caricaturados e deformados pelas representações produzidas por outras linguagens e áreas do saber, como é o caso do cinema. Torna-se preciso problematizar estes discursos, e a escola adquire papel fundamental para que estas reflexões aconteçam.

O cinema é um artefato cultural, é uma mídia que é também arte, mas como artefato cultural, tem construído ao seu redor um conjunto de significados conforme a cultura em que se inscreve. (...) Estas narrativas podem ser desconstruídas também pela área da educação, no sentido de analisar como os significados são construídos. (FABRIS, 2002, p.122)

Fabris (2002) discute em seus estudos a elaboração de representações que produzem sentidos sobre a escola e o trabalho docente no cinema brasileiro, atentando para questões que consideram a feminização do magistério e a reprodução de práticas pedagógicas tradicionalistas que circulam nas escolas trazidas com frequência pelos filmes. Kindel (2003) já nos traz contribuições que suscitam a produção de representações de gênero, sexualidade, raça, etnia, nação produzidas nos desenhos animados dos estúdios Disney e Dreamworks, alertando que estes desenhos se constituem como espaços educativos que andam instituindo padrões culturais na infância. Estas pesquisas demonstram a produção de saberes, modelos e representações culturais que estas produções cinematográficas andam elaborando em suas diversas expressões; meu estudo é também influenciado por estas leituras, percebendo que os filmes realizados em Cabaceiras apresentam um nordeste estereotipado e repleto de discursos que tencionam e fragilizam a região,

produzindo sentidos sobre as identidades e as culturas vivenciadas por moradores que muitas vezes não se reconhecem nestas reproduções. A educação precisa recuperar uma de suas razões de ser: a de ser um espaço que capacite as novas gerações, estimulando a análise crítica sobre o legado cultural de cada sociedade. As salas de aula e também o currículo precisam propiciar a compreensão da realidade, alertando para outras possibilidades de concepção de mundo, de cultura e das diversas práticas cotidianas.

UMA PEDAGOGIA CULTURAL NO CURRÍCULO

Para se pensar o cinema como uma pedagogia cultural me apropriei dos Estudos Culturais, marco teórico caracterizado pela versatilidade teórica, pela preocupação em examinar as relações de poder, o espírito reflexivo e a crítica, como também o não fechamento num corpo fixo de conceitos, além da fragmentação teórica e disciplinar. Essa perspectiva tem como preocupação o lado subjetivo das relações sociais, interpretando a cultura como a experiência vivida de qualquer sociedade histórica específica, onde as práticas cotidianas, as representações, as línguas e os costumes ajudam a ressignificá-la. Assim, entre seus objetos de estudo estão os artefatos culturais, “sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto de relações de poder” (SILVA, 1999b, p. 142). Dentre esses artefatos está o cinema, um veículo de produção de conhecimentos que acaba por se tornar instrumento pedagógico no qual as representações podem ser (des)construídas e disputadas.

A partir dos Estudos Culturais, podemos ver o conhecimento como campos culturais, como campos sujeitos à disputa e à interpretação, nos quais os diferentes grupos tentam estabelecer sua hegemonia. (SILVA, 1999a, p. 135)

Neste contexto, as imagens vêm sendo utilizadas pelos professores apenas como demonstrações de uma aula, reafirmando com o visual o que eles transmitem, como se não detivessem um discurso próprio a ser problematizado. Tal como as novas tecnologias, o cinema é um artefato cultural que produz conhecimentos,

mesmo que não esteja voltado primordialmente a ensinar. As teorias do currículo já têm problematizado estas formas de transmissão e legitimação dos conhecimentos escolares, propondo uma “circularidade entre as culturas” (GINZBURG, 2006 apud TURA, 2002), uma interação entre a cultura oral, visual e escrita, como um patrimônio de um grupo social que se comunica e que deve ser estudado. Para Tura (2002), a distinção entre a multiplicidade de significados e de mensagens existentes no cotidiano de nossas relações deve dialogar com o que é central na cultura globalizada, problematizando padrões e processos instituídos em torno de um conhecimento técnico-científico, visando uma reelaboração de padrões simbólicos em sociedades multiculturais, que objetivam uma melhoria nas condições de ensino e aprendizagem. Segundo Silva (1999b, p.139),

...todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação, é cultural. (...) Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa.

Nesta perspectiva, o cinema é uma instância cultural que também possui um currículo, não aquele pensado no significado restrito da palavra, mas aquele que transmite uma variedade de formas de conhecimento, vitais na formação da identidade e da subjetividade do sujeito. No entanto, o que temos percebido ao longo da pesquisa na cidade de Cabaceiras, é que o conhecimento que estes jovens condutores vêm adquirindo sobre cinema é veiculado por informações soltas, sem uma devida organização, teorização e reestruturação do conhecimento deste currículo, como verdadeiros auto-ditadas. A escola parece ainda está à margem destas discussões, compreendendo os filmes como recursos que não apresentam discursos interessados em produzir significados.

O que me é dado a perceber é que o cinema e qualquer outro meio que adote a linguagem audiovisual tem servido somente como um veículo para a abordagem de temas relativos aos conteúdos propostos e desenvolvidos pelo professor. Tal

apropriação do cinema (assim como do vídeo, da TV e mais recentemente do CDROM) traz subjacentemente uma visão utilitarista e periférica do meio e, nesse sentido, despotencializadora da força comunicativa e expressiva da linguagem que lhe é própria, além de reproduzir no processo de mediação estética os instrumentos de dominação presentes na lógica dominante do capitalismo tardio... (REIS, 2003)

Considerando a crescente importância do fenômeno comunicacional na sociedade atual, globalizada e tecnificada, a educação é chamada a constituir-se em um espaço de mediação entre o indivíduo e o contexto em que vive. O cinema não pode mais ser tratado simplesmente como informação e entretenimento, mas como meio de produção de saber que influencia o comportamento das pessoas, apresentando através das representações novas roupagens em velhos estereótipos. Daí a importância da escola nestas discussões em Cabaceiras, ela precisa impulsionar condições para que os alunos construam seu próprio conhecimento acerca do que lhes rodeia, analisando as mensagens das inúmeras produções fílmicas realizadas na cidade que andam instituindo um espaço rural como atrasado e ainda preso aos seus mitos fundantes, como o cangaço, o messianismo, a seca... Para Simon (1995), o cinema pode ainda ser atribuído a uma tecnologia cultural³, educacional e política, que orienta a nossa concepção e direciona o nosso olhar para aquilo que é considerado “verdadeiro”, desejável e possível dentro de um real produzido pelo tempo presente da projeção.

...tanto na arte quanto na educação – dois locais principais de “trabalho cultural” – modos dominantes de produção semiótica freqüentemente tentam normalizar práticas textuais e repertórios de imagens “verdadeiras” ou “úteis”, assim como aquilo que conta como sua adequada exibição e mediação.

³ Para Simon (1995, p.71), as tecnologias culturais, “...refere-se a conjuntos de arranjos e práticas institucionais no interior dos quais várias formas de imagens, som, texto e fala são construídas e apresentadas e com as quais, ademais, interagimos”.

Essas normalizações são esforços para regular formas particulares de ver o mundo e definir o “sendo comum”. (SIMON,1995, p.64)

Segundo Silva (1999b, p.140), “a forma envolvente pela qual a pedagogia cultural está presente nas vidas de crianças e jovens não pode ser simplesmente ignorada por qualquer teoria contemporânea do currículo”, mas do que isso o cinema precisa ser visto,

...como um meio de expressão que interfere na maneira como o homem se vê, na forma como este concebe a si mesmo e a realidade que o cerca. Não apenas pelo deslumbre inicial frente à imagem em movimento do cinema, fato que marca a busca pela invenção, mas pelo modo tal qual este veículo de comunicação veio a remodelar as próprias relações sociais. (SOUZA, 2005, p.9).

Ao desconstruir essa imagem institucionalizada pelos filmes como o ‘ser nordestino (a)’, veremos o desnaturalizar dos lugares dados a estes indivíduos, demonstrando que a própria idéia de Nordeste é construída, e que os discursos midiáticos acerca das falas e das imagens acontecem permeados por um terreno contestado e intensificado por diligentes relações de negociação. Podemos problematizar esses lugares, essas criações, no intuito de nos desprendermos das forçosas identidades que nos aprisionam e, sobretudo nos excluem. Assim percebendo que o cinema não é vitrine, mas profunda invenção!

O CURRÍCULO E A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES

A teoria do currículo, repensada pelos Estudos Culturais, tem nos feito refletir sobre as concepções de conhecimento, poder e identidade social num espaço de tempo determinado pelos limiares do contemporâneo. Não podemos pensar que se a pedagogia cultural possui um currículo tudo então está resolvido. “Como qualquer

outro artefato cultural, como qualquer outra prática cultural, o currículo nos constrói como sujeitos particulares e específicos” (SILVA, 1995, p.195).

O que é sabido é que teorizar é discutir e problematizar o que vem sendo feito do currículo e o que o currículo tem feito de nós. Instaurar conhecimentos que determinam a nossa maneira de ver o mundo e de nos vermos nesse mundo, isenta o currículo de uma operação meramente coisificada e informativa de uma simples lista de conteúdos. Adestrar mentes e corpos não é uma manipulação de quem deseja apenas ser um ambiente de socialização de conhecimentos – a escola – mas uma real produção e fabricação de indivíduos para o social. Para Silva (1995, p.190), “...as desigualdades escolares escondem fundamentais relações entre cultura e poder”. Desnaturalizar estes discursos é contestar, subverter e refratar as concepções de currículo como meros transportes de um conhecimento dado e acabado, ou apenas revelado em si. É burlar a representação como apenas reveladora de um real que lhe pré-existiu, é entender que não correspondemos ao que dizem que somos, ou o nome que nos dão, ou ainda a identidade que nos referenciam; somos artefatos produzidos por um campo que nem concreto é, mas que tem efeito, governa e principalmente nos vigia.

O currículo, mas do que pensamos, assume um aspecto produtivo e não de consumo. Ele nos forma tanto quanto o formamos. Ele age nos nexos que mediam o conhecimento e a nossa produção, no que nos tornamos e o mundo que fomos instruídos a ver. O que nos remete que a relação entre saber e poder não é externa, para além das coisas, ela está intrinsecamente envolvida nas relações. E todo esse cerco de manipulação chega a nós pela inclusão/exclusão de saberes, pela hierarquização de conhecimentos, pela seleção e interdição que permite oportunizar aquilo e não isto.

Ao contrário do que pensamos esses territórios de atuação não são ingênuos e desinteressados. No entanto, ao sabermos que também elaboramos o currículo, elencamos saberes, elegemos posturas, podemos operacionalizar deslocamentos, desvios e ‘diferenças’, vendo no currículo um espaço contestado (SILVA, 1995). O currículo, assim, constitui um núcleo institucionalizado da educação, e é na escola, por meio dele, que as identidades individuais e sociais são construídas, fabricadas. Mais do que se buscar uma definição de currículo, deve-se estar atento para os processos em que os diferentes autores e teorias definem como sendo o que é currículo.

Pensar o currículo como um conhecimento que está inextricavelmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos é teorizar e subjetivar a nossa própria identidade. Ele corporifica narrativas específicas sobre o indivíduo, sobre a sociedade, nos constituindo como identidades sociais e nos posicionando nas relações sociais. Através das instituições e pedagogias, o currículo institui normas e autocontrole, selecionando as experiências que devemos ter com o conhecimento, com o saber que regula condutas e que está implicado nas relações poder. E é nessa operação de poder que será definido o regime de representação dessas subjetividades, que normatizando as identidades, as define. O currículo também estabelece a diferença e reproduz desigualdades.

Este espaço contestado, e por isso em litígio, é um território politizado, plural, de produção de identidades e realidades. Que também está inerentemente envolvido no cinema. Segundo Souza (2005, p.2) devemos "...compreender o cinema como um agente educativo por este se tratar de uma produção cultural significada, portadora de um discurso posicionado frente à realidade, que se vale de estratégias de comunicação para expor conteúdos".

CABACEIRAS E A ROLIÚDE NORDESTINA: A AUSÊNCIA DA ESCOLA NAS DISCUSSÕES SOBRE O CINEMA

A cidade de Cabaceiras está localizada no Cariri da Paraíba a 189 km da capital, tem cerca de cinco mil habitantes, em aproximadamente 500 Km² de território, tendo 166 anos de emancipação. Recentemente rotulada de "Roliúde Nordestina", tem atraído um grande número de turistas, e por isso tem se voltado ao turismo sustentável e a produção de um conhecimento que 'revele' a cidade a nível nacional. Um grupo de 22 condutores turísticos, com média entre 15 e 25 anos, recebe os grupos de turistas na cidade, apresentando um pouco de sua história, seus pontos turísticos e os lugares que serviram de cenários para alguns dos inúmeros filmes produzidos na cidade. Destes condutores, apenas três são selecionados para ficar no Museu Histórico, dividindo entre eles um salário mínimo. A cada mês é feito uma prova que seleciona estes três condutores, a média deve ser acima de 6,0 e é elaborada pelo guia turístico e pela diretora do departamento de turismo da cidade. O conteúdo da prova envolve os filmes (geralmente o ano de

produção e o produtor), a história e a geografia do município, estando estes conteúdos a margem das discussões feitas na escola.

A formação desses condutores se dá em uma aula semanal ministrada pelo guia turístico da prefeitura, que tanto se responsabiliza pela formação dos jovens como é líder de um grupo de jovens que ganhou visibilidade dentro do poder municipal. Os jovens que freqüentam o grupo de jovens e o de condutores é praticamente o mesmo, daí a sua relevância nas discussões que decidem o futuro da cidade, como o Plano Diretor e o Plano de Educação que devem vigorar durante os próximos 10 anos no município. As reuniões acontecem em dias distintos, mas não deixam de ter como pauta algumas discussões como: “o outro lado da moeda da Roliúde Nordestina”, “A exploração do cinema na cidade”, “a falta de apoio do cinema nos projetos educacionais”...

Tem um curso de condutor que é dado pelo SEBRAE, dando aula de turismo, como receber o turismo em Cabaceiras, geografia, história geral, mas enfocando Cabaceiras, como andar pela zona rural, mostrando os pontos turísticos e as potencialidades. Depois desse curso, a prefeitura cadastra os jovens como condutores de turismo. A prefeitura promove uma aula semanal sobre Cabaceiras, que sou eu quem dou. Ai sempre dou aula de atualidades, história, geografia, sobre o Bode Rei, os filmes... sempre falando sobre a cidade. (Guia turístico, morador de Cabaceiras, 2007)

Pelo relato percebemos que a escola se abstém da formação desses jovens, ficando sob a responsabilidade dos órgãos de turismo transmitir um conhecimento, muitas vezes apenas informativo da cidade, sem a preocupação devida com uma aprendizagem aos moldes de uma transformação social. É sob a responsabilidade destes órgãos que está a produção de um conhecimento sobre a cidade e que anda substituindo a escola no papel de formação continuada do indivíduo. Segundo uma condutora de turismo,

A questão de história, por exemplo, como condutora de turismo eu tô vendo muito mais coisa nos cursos que na escola, porque tem coisa no ensino que tá muito... sei lá... tendo alguma falha. (...) Nas aulas do guia tem *citytour* e eu gosto mais, agente aprende na prática. Na maioria das vezes ele coloca agente pra ver o que agente sabe. (M.S.S., condutora de turismo e moradora da cidade, 2007).

Os condutores ainda participam de cursos de extensão e formação em conhecimento de produção e direção cinematográfica, propiciados muitas vezes pelo próprio departamento de turismo do município, que através de associações conseguem baixar os custos de cursos como o de língua estrangeira. Alguns cursos têm sido ministrados tanto por pessoas vinculadas ao SEBRAE, como pela ABD-PB (Associação Brasileira de Documentaristas da Paraíba), através do 'Cinema Adentro'⁴, como também pelos diversos eventos que acontecem na região. Mesmo ao discutir temas polêmicos com relação ao cinema, os jovens, em uma entrevista coletiva, demonstram a satisfação de ver a cidade conhecida, sem se preocupar mais efetivamente com os rótulos e estereótipos que ganham a representação da cidade, associada a um ambiente seco, rural e atrasado.

Eu acho que a Roliúde foi uma idéia boa, colocar o memorial para resgatar os filmes que foram gravados aqui na cidade, os personagens, os figurantes, porque fica uma coisa marcada né? (...) Aqui foi palco para inúmeros filmes, porque não ser uma Roliúde Nordestina? Hollywood é uma cidade que chama muito atenção, os filmes e os artistas... Cabaceiras agora tá sendo reconhecida em todo

⁴ O 'Cinema Adentro' é um projeto financiado pelo Banco do Nordeste. Propõe a interiorização da difusão audiovisual no Estado, através da realização de mostras de filmes paraibanos de curta e média metragem e uma oficina de cineclubismo que possibilite um conhecimento básico para a capacitação de monitores no manuseio da aparelhagem necessária para a exibição dos filmes. Atualmente ele se desenvolve em três cidades do interior paraibano: Cabaceiras, Monteiro e Areia.

lugar. A TV ta vindo pra cá, outros filmes...
(Condutora, 25 anos, moradora de Cabaceiras,
2007)

A produção de inúmeros filmes, o letreiro de 5 metros erguido na cidade, as freqüentes visitas dos turistas tem mexido com o cotidiano da cidade. Tanto o comércio quanto alguns de seus moradores se voltam para recepcionar os turistas, e a prefeitura concede algumas benesses para a produção de outros filmes na cidade. Para alguns isto é positivo, e se converte em rendas, para outros não. O padre chegou a elaborar um ofício reivindicando ao prefeito a proibição do uso da parte histórica da cidade (inclusive da igreja) para as filmagens. Em entrevista, ele disse: "Somos índios em nossa própria casa". Os filmes alteram a arquitetura da cidade, pintam as casas e acabam danificando alguns prédios históricos. No ofício, o padre afirma,

Vimos com muito respeito apresentar a Vossa Excelência algumas reflexões a respeito da realização da última filmagem na praça da Igreja Matriz. Pode ser que esta obra traga algumas vantagens financeiras à algumas pessoas deste município, mas para nós os prejuízos vão se repetindo a cada ano, chegando a um nível intolerável. (...) Presos em nossas casas, achamos que esta ocupação absoluta da praça e esta ostentação das riquezas dos atores cujo dinheiro é fácil, e não compensado pelas esmolas que fazem ao povo humilde, que por causa de sua pobreza se sujeita as exigências deles... (Pe. José, Cabaceiras, 2005)

Podemos pensar nesta formação educacional desses jovens condutores como fruto de uma educação não-formal, que segundo Simon, Park e Fernandes (2001, p.11), "se caracteriza por possibilitar a transformação social, dando condições aos sujeitos que participam desse processo, de interferirem na história por meio de

reflexão e de transformação”. Sabemos que a educação dos sujeitos ultrapassa os muros da escola, sua formação se dá cotidianamente, porém é preciso que a escola reformule seu currículo para acompanhar o ritmo e o dinamismo que se dá na cultura local, passando a considerá-la como uma instância que gera conhecimento e que por isso deve fazer parte das discussões em sala de aula. Simon (1995) defende a produção de um currículo que acompanhe as práticas culturais, para ele questões como quem deve decidir por quem e quais formas de escolarização devem ser aplicadas são preocupações centrais que devem ser palco de críticas e análises. “Isso significa que qualquer construção de uma pedagogia da possibilidade que assuma seu caráter de insurgência deve ser seriamente capaz de compreender como essa prática se insere na tradição discursiva que vou chamar de ‘política cultural’” (SIMON, 1995, p.32)

Ao conceber o cinema como mera indústria, a escola deixa de entendê-lo como um meio pedagógico também perpassado por práticas educativas, que (de)formam os sujeitos. A aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo, compreendendo o que se passa ao seu redor, também é proporcionada por esses sistemas audiovisuais, fazendo parte da construção de um saber voltado à reflexão e ao aprendizado, enquanto modalidades presentes na trajetória de vida dos indivíduos. É como cita Souza (2005, p.22),

O lugar que ocupa o cinema na formação social do homem é referência que direciona a concepção do veículo cinema à sua condição cultural. Do registro da cultura e de sua preservação enquanto memória, o filme passa à difusão daquela. No processo da construção e manutenção da cultura, o cinema apresenta sua potencialidade para a educação, desta forma assumindo, assim, a função de agente ativo nas formas de vida na sociedade moderna.

Em Cabaceiras, mais que a compreensão do mundo, o cinema vem sendo utilizado como uma atração turística que desenvolve práticas educativas, formando os sujeitos a partir do que eles têm de mais próximo, a sua própria prática social.

Estas questões precisam ser consideradas nas propostas curriculares, tomando o cotidiano como um espaço rico e recheado de possibilidades educativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FABRIS, Eli T.Henn. Cinema e educação. In **Redes Culturais, diversidades e educação**. Inês Barbosa de Oliveira e Paulo Sgarb (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (p.119-130).

KINDEL, Eunice Aita Isaia. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...**, 2003, 195f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SIMON, Roger L. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In Tomaz Tadeu da Silva (org). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (p. 61- 84).

SIMON, Olga Rodrigues de Moraes Von. PARK, Margareth Brandini e FERNANDES, Renata Sieiro (org). Imagem, memórias e identidades. In **Educação não-formal: cenários da criação**, Campinas, SP: Unicamp, 2001. (p.277-285).

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In Tomaz Tadeu da Silva (org). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (p. 159-177).

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os Estudos Culturais e o currículo. In **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a. (p.131-137).

_____. A pedagogia como cultura, a cultura como pedagogia. In **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b. (p.139-142).

_____. Currículo e Identidade Social: territórios contestados. In Tomaz Tadeu da Silva (org). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (p.190-207).

SOUZA, Bruno Jorge de. **O cinema na escola: aspectos pedagógicos do texto cinematográfico**, 2005, 127f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Goiás, 2005.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In LOPES, Alice Casimiro & MACEDO, Elizabeth (org). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. (p.150-173).

Fonte Virtual:

REIS, Ronaldo Rosas. **Cinema brasileiro e público: o que a educação tem a ver com isso?** Disponível em <http://www.uff.br/mestcii/ronaldo4.htm>. Acessado em: 15-08-2007.

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico publicado em periódico eletrônico deve ser citado da seguinte forma:

ANDRADE, Vivian Galdino de. Os Usos das 'Imagens em Movimento' na Escola: o que está presente no currículo? **Revista Eletrônica Espaço do Currículo**, João Pessoa-PB, ano 1, nº. 2, nov. 2008. Disponível em:
<http://www.aepppc.org.br/revista/>. Acesso em: